

11-Jun-2013



O Observatório de Interações Planta–Medicamento (OIPM) será o organismo português que vai receber as notificações de efeitos adversos com produtos de origem naturais, revelou hoje à agência “Lusa” a coordenadora deste organismo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem diretivas que obrigam a que todos os produtos de medicina tradicional, à base de plantas, apresentem provas de eficácia e de segurança e sejam sujeitos a controlos de qualidade, «o que nem sempre acontece», disse Maria da Graça Campos.

A coordenadora do observatório da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC) adiantou que a OMS tem recebido várias notificações de efeitos adversos com produtos de origem naturais.

«Em Portugal será o OIPM/FFUC a receber essas notificações, que depois serão reencaminhadas para os outros organismos competentes nestas áreas consoante se trate de um suplemento, alimento ou medicamento», adiantou à “Lusa” investigadora da FFUC.

«Infelizmente têm aparecido no mercado internacional e também no português uma série de produtos incluindo “plantas milagreiras” e igualmente perigosas na prevenção e no tratamento» de doenças como o cancro, frisou.

Maria da Graça Campos adiantou que, nos últimos 30 anos, entraram no mercado cerca de 124 medicamentos para o cancro, sendo que apenas 20 são de síntese química total.

«Todos os outros, mais de 100, são de origem em produtos naturais», disse.

«Estas substâncias químicas retiradas da natureza são suficientemente ativas para poderem contribuir para matar células tumorais, mas devidamente controladas e usadas em doses que permitam que o benefício seja superior ao risco», explicou.

«Essa é uma das principais razões pelas quais não se devem usar as plantas diretamente pois poderia matar-se o doente em vez de o salvar», sustentou.

Maria da Graça Campos adiantou que o uso de extratos de plantas só é seguro se forem preparados com rigoroso controlo de qualidade e as doses dos constituintes estejam devidamente determinadas.

Nesse sentido, venceu, «estes produtos devem estar devidamente registados nas entidades respetivas consoante a categoria a que pertencem».

Durante cinco semanas o observatório realizou a campanha “Aprender Saúde entre as Plantas e os Medicamentos” para sensibilizar a população dos riscos que corre ao consumir medicamentos com produtos naturais, como chás, suplementos ou até alimentos, combinações que nalguns casos podem conduzir à morte.

Maria da Graça Campos adiantou à “Lusa” que os doentes têm contactado o observatório para «melhor perceberem estas questões e para poderem decidir conscientes da informação, ou falta dela, que existe sobre os produtos naturais que estão a tomar ou que lhes são recomendados para tratar o cancro, aumentar o estímulo do sistema imunitário e/ou para desintoxicar».

O Observatório dispõe de uma linha de apoio à população e aos profissionais de saúde (239488484).

Alguns produtos naturais antes de cirurgia oncológica podem ser fatais

O Observatório de Interações Planta–Medicamento (OIPM) alertou hoje que a toma de alguns produtos naturais pelos doentes oncológicos antes da cirurgia pode causar «acidentes graves» e até fatais durante a intervenção cirúrgica.

«As misturas que os doentes oncológicos fazem e que têm causado situações graves de saúde em Portugal e em outros países» é o tema da última semana da campanha “Aprender Saúde entre as Plantas e os Medicamentos”, do observatório da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

«Os acidentes em cirurgia são dos mais graves e podem ser fatais, quando se consumiu antecipadamente alguns tipos de produtos naturais», porque aumentam a metabolização, mas também porque podem bloquear proteínas transportadoras, por exemplo, de anestésicos ao cérebro, referiu o observatório coordenado por Maria Graça Campos.

Alguns produtos podem também fazer aumentar o tempo de anestesia, o tempo de hemorragia, provocar dificuldades de coagulação, alterações na sedação, pressão arterial e «a rejeição de órgãos por toma nas semanas anteriores de plantas que sejam, por exemplo, indutoras das enzimas necessárias para a metabolização de medicamentos, como a ciclosporina».

No último ano, o OIPM elaborou tabelas de interações Planta–Medicamento em perioperatório, que estão em fase de validação pela comunidade científica internacional para depois serem divulgadas em Portugal de forma a evitar estas ocorrências.

«O número de pessoas com cancro aumenta de ano para ano e o de produtos naturais que anunciam o milagre da cura também», disse à agência Lusa Graça Campos, que também lidera o grupo de investigação do Projeto “IciPlant – Interações entre Citostáticos e Plantas», que decorre desde 2009 entre a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra e o Instituto Português de Oncologia de Coimbra.

A equipa tem acompanhado doentes a analisado produtos levados pelos pacientes, alguns dos quais estavam contaminados com substâncias tóxicas, acrescentou.

«Na prática o que acontece é que se pode reduzir o efeito do medicamento se for diminuída a absorção ou a distribuição. Há redução na absorção sempre que conjuntamente com o medicamento se consomem, sementes (linho, psílio, chia) algas ou fibras», exemplificou a especialista.

Plantas com atividade diurética, como alfavaca-de-cobra, alcachofra, aipo, dente-de-leão e cavalinha, também reduzem efeito do medicamento devido ao aumento da excreção.

Já plantas como a erva de São João (hipericão), ginseng americano (especialmente os seus metabolitos libertados no intestino), alcachofra, cardo mariano e o *dan shen* aumentam a metabolização, diminuindo a dose disponível do medicamento.

«A redução na dose disponível do medicamento conduz a uma ineficácia do tratamento, o que pode levar à potencial proliferação do processo tumoral», explicou o observatório.

Por outro lado, plantas como o alcaçuz, alho fresco, aloé, bagas de Goji, cardo mariano, castanheiro-da-índia, chá verde, *dong quai*, ginkgo, ginseng asiático, hidraste, kava-kava, mangostão, propólis, extrato de sementes de uvas, sumo de toranja e valeriana impedem a eliminação do medicamento no tempo programado e necessário no organismo para exercer a sua ação terapêutica.

Actualizado em (11-Jun-2013)

[Artigo seguinte >](#)